



Análise de letras de Luiz Gonzaga na perspectiva variacionista

José Rivamar de Andrade

Professor, graduado em Letras e especialista em Língua, Linguística e Literatura pelas Faculdades Integradas de Patos, aluno do curso de Mestrado Internacional em Educação, pela Florida Christian University (USA)

Joseildo Lopes Araújo

Graduado Letras pelas Faculdades integradas de Patos

Resumo: A sociolinguística é uma das dimensões da Linguística que tem como um dos objetos de estudo a organização das línguas, a formação, a extinção, as mudanças lingüísticas e os fenômenos das variações lingüísticas, que são associados aos fatores de *língua - sociedade e cultura*, uma vez que a sociolinguística tem uma preocupação especial em descobrir o processo das variações, observando-se no contexto de língua padrão e não padrão, bem como as estruturas lingüísticas e sociais se comportam em relação com as mesmas. Percebe-se que alguns fatores sociais contribuem para a classificação da língua padrão e da língua não padrão. A língua não padrão está associada à escrita e a classe de maior prestígio de poder social elevado, ou seja, as que exercem algum cargo de grande status social. Enquanto que a língua não padrão caracteriza-se a linguagem oral, da classe social de menor ascensão social. Tais concepções de língua são vistas perante a sociedade, sob uma forma preconceituosa e estigmatizada, em que na maioria das vezes procura-se valorizar a língua dita culta. Observou-se alguns desses fenômenos lingüísticos em letras de músicas de Luiz Gonzaga que foram selecionadas e analisadas em uma perspectiva variacionista. Levou-se, também, em consideração, o aspecto sócio-cultural contextualizado na linguagem regional expressa nas mesmas.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variações lingüísticas. Variacionista-Língua não padrão.

Anasyls Luiz Gonzaga lyrics in perspective variational

Abstract: The sociolinguistic is one of the dimensions of the Linguistics that has as the one of study objects organization of the languages, the linguistic formation, extinguishing, changes and the phenomena of the linguistic variations, that are associates to the language factors - society and culture, a time that the sociolinguistic has a special concern in discovering the process of the variations, observing if in the language context standard and not standard, as well as the structures social linguistics and if holds in relation with the same ones. One perceives that some social factors contribute for the classification of the language standard and the language not standard. The language not standard are associated with the writing and the classroom of bigger prestige of being able social high, or either, the ones that exert some position of great social status. While that the language standard does not characterize it verbal language, of the social classroom of lesser social ascension. Such conceptions of language are seen before the society, under prejudiced a form and stigmatized, where in the majority of the times it is looked to value the said language cultured. One observed some of these linguistic phenomena in letters of music's of Gonzaga Luiz that had been selected and analyzed in a variacionista perspective. It was taken, also, in consideration, the contextualized partner-cultural aspect in the express regional language in the same ones.

Keyword: Sociolinguistic - Linguistic Variations - Variacionista - Language not-standard

1 Introdução

Esta pesquisa está voltada para um estudo na perspectiva variacionista, que aborda as questões relativas a sociolinguística, tendo em vista que a mesma tem como um dos principais objetos de estudos as variações lingüísticas objetivando explicar os fenômenos de mudanças, transformações e extinção das línguas, divididos quanto ao aos fatores sociais, culturais, étnicos...

Procura-se demonstrar que a sociolinguística tem um papel fundamental, no que se refere a estrutura e a

organização social e cultural da língua. Uma vez que a estrutura social diz respeito a organização externa e interna da língua, a estrutura interna corresponde ao estudo da *morfologia, sintaxe, semântica, pragmática* e o da *gramática*, enquanto que a estrutura externa são caracterizados pelos valores sociais e culturais, como grau de escolarização, sexo, faixa-etária, profissão etc.

Pretende-se neste presente trabalho identificar e caracterizar alguns fenômenos lingüísticos que são reconhecidos em sua diversidade, principalmente quando se fala da língua portuguesa, que possui inúmeras variações lingüísticas espalhadas nos mais diferentes

sotaques e dialetos regionais que caracterizam a linguagem oral ou escrita.

Nesse sentido sabendo-se da grande diversidade lingüística existente no Brasil, que pode ser assim dividida em língua padrão ou norma culta; e língua não padrão ou norma não padrão em que, percebe-se um grande preconceito, quanto aos falantes da língua não padrão e aos estigmas associados a formas do português bem falado das classes ditas cultas comparado com o mal falado das classes populares, caracterizando o primeiro como certo e o segundo errado.

Para tentar esclarecer tal questão dos fenômenos variacionais, que são inerentes a língua, tornou-se necessário desenvolver um estudo bibliográfico, pela dimensão da sociolingüística e a preocupação em resgatar no contexto de linguagem regional, alguns dos fenômenos lingüísticos encontrados em letras de músicas do cantor Luiz Gonzaga do Nascimento.

Esta pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, consultando várias obras bibliográficas, de diferentes autores, e consulta via Internet, de sete músicas do cantor Luiz Gonzaga que enfocam o tema proposto e que enriqueceram cada vez este trabalho.

A organização dessa pesquisa encontra-se estruturada procurando dar uma explanação geral do tema abordado.

Na primeira sessão foi explicado o que é a sociolingüística, e em que se fundamenta seus estudos, origem e os seus primeiros estudiosos dos fenômenos lingüísticos, que fazendo experiências empíricas, conseguem atribuir as diferenças lingüísticas, aos valores e as diferenças sociais presentes na sociedade.

A segunda sessão reservou-se para uma descrição das variações lingüísticas nos aspectos de língua padrão e não padrão, distinguindo-se uma da outra quanto ao contexto social da língua falada e escrita, perante seus usuários.

No terceiro capítulo foram selecionadas e analisadas, sete letras de canções de Luiz Gonzaga, que apresentam ocorrências das variações lingüísticas, ou seja, fenômenos lingüísticos que podem ser identificados na língua padrão, e na língua não padrão.

2 Revisão de Literatura

2.1 A Sociolingüística

A Sociolingüística nos dias atuais tem sido bastante relevante e de grande contribuição para os estudos lingüísticos, procurando cada vez mais explicar o comportamento lingüístico dos que utilizam a linguagem, para expressão do pensamento no caso o ser humano que faz uso da linguagem seja ela escrita ou falada, através de signos, ou sinais que transmitam a comunicação.

Conforme Marcuschi (2001, p.21):

A expressão linguagem designa uma faculdade humana, isto é a faculdade de usar signos com objetivos cognitivos. A linguagem é um dispositivo que caracteriza a espécie humana como *homo Sapiens*, ou seja, como sujeito reflexivo, pois pela linguagem conseguimos nos tornar seres sociais racionais. Assim, a linguagem é um fenômeno humano, hoje tido como inato e geneticamente transmitido pela espécie.

Ao afirmar isto, Marcuschi apresenta a concepção de linguagem, como uma característica própria do

homem, além de ser ela que realmente nos diferencia dos animais, a linguagem é uma capacidade que nos torna seres capazes de pensar, de questionar, de interagir com as demais pessoas e, sobretudo com a sociedade, por isso se ouve falar, que o homem é um ser puramente social, tal característica é proveniente de sua natureza.

Para Saussure (1973, p.105-106):

A linguagem é vista por dois ângulos: um individual (fala ou *parole*) e social (língua ou *langue*). O objeto de suas investigações é a língua (ideal) que é de natureza puramente psíquica e esta depositada como produto social na mente de cada falante de uma comunidade.

Na concepção Saussuriana a linguagem destina-se a uma dicotomia entre língua/ *langue*/ e fala/ *parole*. Saussure considerado o pai da lingüística, centraliza seus estudos nos aspectos sincrônicos, postulado numa visão homogênea e estática da língua, já a fala era entendida como um componente diacrônico, que caracterizava a linguagem como um processo evolutivo e dinâmico.

Se de um lado propõe-se a preocupação dos estruturalistas e gerativistas, Saussure x Chomsky em demonstrar que as línguas eram sistemas homogêneos uniformes e monopolíticas, do outro, objetiva-se a inovação das línguas estudadas, pela concepção da teoria da variação ou sociolingüística como é chamada por, Weireich, Labov e Herzog, que enfatizam as línguas como sistemas heterogêneos, pluriformes e variáveis.

Fazendo um paralelo entre língua /fala / linguagem, pode-se entender que a linguagem é um recurso de que o ser humano sempre está utilizando, através da fala para se comunicar, usando de um mecanismo, essencial, que é a língua. A língua é o veículo que conduz a fala humana, e pode-se afirmar que ela, é o código lingüístico de uma dada comunidade ou de uma organização social.

2.2 A Sociolingüística e o seu papel

A Sociolingüística ou a teoria da variação, como é chamada por seus estudiosos, tem como seu principal objeto de estudo a organização sistemática entre língua-cultura e sociedade e fatores atribuídos à diversidade das línguas, como por exemplo: contato entre as línguas, dos povos, raças; questões relacionadas ao aparecimento e a extinção lingüística, o *multilinguismo* que pode ser chamado também por *pluringuismo* e aos fenômenos da variação e mudança das línguas.

Um dos primeiros estudiosos foi Fisher (1958) *apud* Fonseca (2001), seguidos de Vilém Mathesius e Havranek do círculo lingüístico de Praga. Seus estudos eram fundamentados em fatores empíricos relacionados aos aspectos socioculturais e em bases teóricas-metodológicas. Estudos esses, que deram origem à primeira Antropologia Sociolingüística que se chamava (Language in culture and Society).

Estudos lingüísticos de Weireich, Labov e Herzog, utilizando-se de métodos quantitativos e dados estatísticos identificaram a presença de variantes e determinantes lingüísticos que demonstravam que as línguas possuíam valores sociais, mesmo que diversificados, apresentavam também variáveis articuladas e bem definidas entre si, levando-se em conta o contexto histórico-político-social e cultural de seus falantes, pois se torna impossível desagregar a língua de seu papel sócio-comunicativo e de

agente interdisciplinar na sociedade.

No Brasil o termo sociolinguístico, foi falado pela primeira vez, quando desenvolveram o chamado (MOBRAL) que era o movimento Brasileiro de Alfabetização, esse movimento foi criado para dar ênfase, a um plano linguístico que favorecesse o desenvolvimento da educação brasileira, e para ampliar as pesquisas sociolinguísticas relacionadas aos falares, regionais e aos dialetos sociais existentes no Brasil.

Após pesquisar sobre os fatores que envolveram a linguagem, Labov (1988, p. 70) afirma o seguinte sobre o contexto de sociolinguística:

Um índice sensível de muitos processos sociais é uma matéria relativamente fácil de estudar e que permite tirar conclusões sobre a estrutura da sociedade. Este prisma é decididamente sociológico e poder-se-ia reserva-lhe o nome de sociolinguística.

Esses processos sociais que foram citados por Labov, seriam os efeitos socioculturais apresentados pelas línguas, visto que, as línguas são processos dinâmicos e não estáveis, que sempre estão se modificando com o tempo e com o espaço. Saber distinguir e justificar esses efeitos sociais, é o que caracteriza a sociolinguística como ciência da linguagem que estuda os critérios que influenciam nas relações sociais e culturais de uma língua, numa dada sociedade e como seus usuários se comportam em relação à mesma.

No que se refere à tarefa da sociolinguística, reforça Aragão (1983, p. 61), "a sociolinguística tem como objetivo detectar as variações da estrutura da linguística e da estrutura social, buscando as causas que justificam aquelas variações, quer em nível de falante, de ouvinte, de local, de profissão, etc".

As estruturas linguísticas são explicadas pela sociolinguística, por meio da identificação dos seguintes fatores: *causas e efeitos*, uma vez que essas estruturas linguísticas correspondem aos estudos nas ramificações: (fonológicas, sintáticas, semânticas, pragmáticas, morfológicas, lexicais e gramaticais), que são diferenças quanto à estrutura sistemática das línguas.

Quanto ao aspecto *fonológico*, as línguas são identificadas pelo modo da pronúncia dos sons das palavras, estabelecendo diferenças na grafia e no som da palavra, por exemplo, nas palavras: *solidário e solitário*, em que vendo essas palavras percebe-se uma semelhança na grafia, mas lendo em voz alta nota-se diferenças do som pela pronúncia, e de significados.

As diferenças *sintáticas* se baseiam na organização dos termos dentro da oração, na combinação das palavras entre si para formarem um enunciado. Esse enunciado pode ser articulado por uma frase, oração ou período desde que haja clareza e comunicação por parte do interlocutor no qual esteja transmitindo o enunciado seja ele escrito ou falado; as *semânticas* correspondem ao processo de mudanças do significado das palavras com o que elas querem dizer; as diferenças *pragmáticas*, procuram observar a relação do falante, do usuário da língua com aquilo que ele diz; as *morfológicas* estudam as estruturas, as classificações, as flexões das palavras e o processo de formação das línguas; o estudo *lexical*, das palavras é caracterizado por palavras que possuem grafias diferentes, devido ao processo de evolução da língua, quer pelo processo sócio-cultural dos seus falantes quer pelo aspecto geográfico e por fim as diferenças *gramaticais*

que são explicadas pelo modo de organização das regras e normas existentes nas gramáticas e nos livros didáticos de português.

Quanto ao fator "da estrutura social das línguas" o estudo sociolinguístico, tem mostrado que as mudanças dos sistemas variacionais das línguas são ocasionadas pelas diferenças de valores sociais e valores culturais que existem na sociedade, os valores sociais são atribuídos às classes que possuem um grau de instrução mais elevado, valores de faixa etária, etnia, sexo, profissão e situação sócio-econômica. Os valores culturais podem ser identificados pelos agentes externos que modificam as línguas, no caso a história, a política, a migração de raças e povos que trazem consigo dialetos, registros, gírias, sotaques entre outros fenômenos linguísticos.

Apropriadamente Mollica (2004, p. 10) destaca que:

A Sociolinguística considera a importância da linguagem, dos pequenos grupos socioculturais a comunidades maiores. Se cada grupo apresentasse comportamento linguístico idêntico, não haveria razão para se ter um olhar sociolinguístico da sociedade.

A sociedade de hoje, apresenta grande diversidade de falares que são simultâneos, nenhuma pessoa ou grupo social, fala igual a outro, todas as pessoas possuem suas formas próprias para expressar a linguagem escrita ou falada. Motivo dessa grande diversidade está relacionada aos diferentes valores e diferentes contextos sociais existentes em cada sociedade.

Para identificar essas diferenças sociais que existem na linguagem a sociolinguística concentra seus questionamentos em métodos quantitativos e estatísticos. Esses dois métodos foram diagnosticados por Labov, com objetivo de obter informações e resultados positivos ou negativos, que comprovavam as mudanças linguísticas, ao longo período de sua formação histórica, social e cultural.

Bortoni (1981, p.12) faz uma lista das dimensões da sociolinguística abordadas pelos seus primeiros estudiosos:

Fishman: denominação de sociologia da linguagem, ênfase e aspectos não enfatizados por Bright.

Bright: dialetos sociais e suas implicações na história de uma língua que foi uma importante contribuição para a discussão das mudanças linguísticas.

Fisher: modelo de pesquisa sobre a influência social na escolha de uma variante linguística por crianças de diferentes grupos de idade e sexo.

Labov: elaboração de testes das técnicas de investigação das relações entre fatores sociais e variantes linguísticas, a partir de 1963.

Ferguson: abordagem das funções e valores sociais atribuídos as variantes linguísticas (standart e popular) do árabe do grego do alemão (suíço) e francesas (crioulo do Haiti).

Paul Garvin: (linguística) e Madeleine Mathiot (antropóloga): urbanização da língua guarani: situação bilíngüe do Paraguai (Espanhol/Guarani).

Portanto, foram esses primeiros estudiosos de cunho variacionista que tomaram as primeiras conclusões quanto ao aspecto da relação entre língua e sociedade e a

descoberta de fenômenos lingüísticos inerentes às transformações e a evolução das línguas.

2.3 As variações lingüísticas

As variações lingüísticas são comuns e universais na linguagem e podem ser encontradas em todas as línguas, principalmente, quando se fala do Brasil que é país possuidor de diversos dialetos espalhados por todo o seu território. A presença de variantes lingüísticas é uma característica decorrente das inúmeras variabilidades sociais dos diversos grupos e comunidades lingüísticas.

Uma das formas de caracterizar as variações lingüísticas é em seu aspecto particular, que cada falante possui, ao falar e expressar seu pensamento através da linguagem seja ela padrão ou não padrão, escrita ou falada.

Segundo Doriam, (1994, p. 58):

Cada vez mais se aceita a idéia de que a heterogeneidade lingüística reflete a variabilidade social e as diferenças no uso das variantes lingüísticas correspondem às diversidades dos grupos sociais e a sensibilidade que eles mantêm em termos de uma ou mais normas de prestígio.

No que diz respeito à diferença das variantes, o autor está se referindo ao tratamento das mesmas por parte da sociedade, ou seja, o que pode caracterizar uma variante mais prestigiada que outra é o *papel*, ou o *status social* que seus indivíduos exercem na sociedade. Pesquisadores sociolingüísticos têm se preocupado em analisar as variações lingüísticas existentes na língua portuguesa e os preconceitos lingüísticos decorrentes das mesmas. Tendo em vista que manuais de língua portuguesa associada às práticas das disciplinas escolares ensinadas sob uma forma, em que dão relevância aos estudos da norma culta da língua, conceitos como “certo e errado” ainda são dois processos de muita discussão por professores e alunos.

2.4 O fenômeno da variação lingüística

O estudo dos fenômenos das variações lingüísticas tem sido uma questão muito estudada nos últimos anos pelos sociolingüísticos, uma vez que, usufruindo em métodos, teóricos e metodológicos, consegue-se diagnosticar e explicar tais variações que são fatos inegáveis e universais dentro da sociedade.

As variações sociais da língua podem ser caracterizadas pelo aspecto sistemático e estrutural que definem as várias formas e diferentes tipos de usos lingüísticos que ocorrem na linguagem escrita ou falada. Vale salientar que as variações lingüísticas também são processos alternativos de expressão comunicativa, o que significa dizer que uma pessoa pode falar uma mesma coisa em contextos totalmente diferentes com pessoas diferentes. Mas o que vem a ser variações lingüísticas? E o que pode ser chamado de variedades lingüísticas?

Possenti (1996, p. 33-34) considera o seguinte: “todas as línguas variam, isto é, não existe nenhuma sociedade ou comunidade, na qual todos falem da mesma forma”.

De fato, vivemos numa sociedade que é identificada pelas suas diversidades étnicas, religiosas, políticas, sociais e culturais, que são subdivididas como camadas sociais de baixo e médio poder aquisitivo, em

que prevalece quem tem maior prestígio ou exerce algum poder na sociedade. Do ponto de vista da sociolingüística essas diferenças que existem na sociedade, também são reflexos das diferenças lingüísticas, que estão presentes nos mais diversos níveis de uso da língua, que subdividem a linguagem coloquial e a linguagem formal.

As línguas são sistemas variacionais que atuam na linguagem não de uma maneira aleatória mas constituem-se de várias dimensões que já foram mencionadas anteriormente, *fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, lexicais e gramaticais*. Dimensões essas que caracterizam a estrutura interna das variações e dos fenômenos de mudanças sofridas pela evolução das línguas.

Para se ter uma idéia mais clara do que vem a ser variação é preciso analisar dois fatores que são responsáveis pelos fenômenos variacionais das línguas, o primeiro é o fenômeno das variáveis lingüísticas que são formas dependentes das variantes, dependência que se dá pela influência dos meios de natureza social ou pela estrutura interna.

O segundo fenômeno variacional, são as variantes que correspondem aos efeitos ocasionados pelas variáveis efeitos esses que são independentes e que são predominantes em todas as línguas. Portanto pode-se detectar numa dada sociedade variantes que são mais prestigiadas do que outras devido aos valores que seus falantes exercem nas camadas sociais.

Ainda acrescenta Possenti (1996), que “a variedade lingüística é o reflexo da variedade social e como em todas as sociedades existe alguma diferença de status ou de papel entre indivíduos ou grupos, estas diferenças se refletem na língua”.

Pode-se observar na referida citação de Sírío Possenti, as variedades lingüísticas são reflexos contextualizados pelo papel de seus indivíduos perante a sociedade.

Na sociedade existem inúmeras diferenças como já foi citado anteriormente, poder, prestígio, status social... Tais diferenças também são existentes na língua, que na maioria dos casos estão inseridas aos valores sociais. As variedades lingüísticas de menor prestígio são caracterizadas como variedades populares, que são reconhecidas pelos que moram na zona rural, na periferia dos grandes centros urbanos ou de falantes que não possuem nenhum grau de escolarização. Enquanto que às variedades ditas cultas, pertencem às classes de maior prestígio social e poder aquisitivo superior às demais, geralmente são identificadas pelos que exercem grandes cargos e profissões importantes na sociedade.

Tais diferenças lingüísticas ainda são, vistas de forma muito preconceituosa e estigmatizada perante a sociedade, principalmente quando se falam, em variedades populares que são consideradas formas errôneas e feias pelos gramáticos e normalistas.

Conforme Perini (1995, p. 25):

Cada variedade tem seus domínios próprios, onde é senhora absoluta. Não existe, simplesmente, uma variedade “certa” cada peça teatral, conversa de botequim, discurso de formatura, pedido de informações da rua etc, impõe uma variedade própria que é a certa naquela situação.

A grande diversidade de falares regionais apresentadas na sociedade são processos de falas caracterizadas como variações lingüísticas e por

fenômenos identificadores da língua falada e da língua escrita. A língua falada diferiu-se da língua escrita, devido sua estrutura não pertencer aos padrões gramaticais, que são exigidos na escrita, a linguagem oral é mais espontânea e ocorre de uma maneira mais aleatória sem precisar usos de regras gramaticais, enquanto que a escrita procede de sistemas formais, que são exigidos na língua culta, tal exigência é necessária, para que se tenha uma compreensão do interlocutor para o qual se está escrevendo.

Não nos resta dúvida em afirmar que a língua escrita é a que mais se aproxima da variedade culta, motivo esse que faz com que sua organização se mantenha ao caráter normativo, que é representado graficamente pela a ordem das palavras.

Estudos específicos na área da sociolinguística quantitativa, desenvolvida por Labov, revelam que existência dos fenômenos lingüísticos é decorrente das transformações socioculturais e das heranças lingüísticas.

Esta idéia é complementada por Geraldí (1996, p. 57):

Estudos de outra ordem, menos limitados em termos da estrutura lingüística, por outro lado têm mostrado e chamado à atenção para a relação de *poder*, envolvidos no quadro das variedades lingüísticas. Conceitos como variedades padrão, prestígio, forma estigmatizada etc. são usadas tanto por pesquisas mais estritamente lingüísticas quanto por estudos mais sociológicos que tematizam a linguagem.

Conforme se objetiva o autor, o estudo dos fenômenos lingüísticos precisa ser observado em todos os sentidos da linguagem e um aspecto relevante a ser estudado nas escolas e por professores de língua portuguesa, é o tratamento do estigma associado às variedades não padrão em que na maioria dos casos, a variedade não padrão é compreendida na escola, como formas “errôneas ou defeituosas” chegando a ponto de assumir uma postura discriminatória perante tal variedade.

Mas que postura o professor de língua portuguesa, deve ter em relação a essas formas de discriminação e estigmatização da língua?

Haja vista que vivemos num país que possui um processo diversificado de culturas que são mescladas, de uma forma livre e espontânea. RANGEL (2001) cita alguns procedimentos a serem analisados em sala de aula quanto ao ensino da língua materna e o comportamento a ser seguido pelos professores de língua portuguesa no ensino da língua oral e o tratamento das diferentes variedades lingüísticas que formam a língua portuguesa. Baseando-se nos princípios ético, didático e pedagógico, Rangel (2001, p. 12) coloca que:

Revelar e discutir as determinações históricas, políticas e sociais que atribuíram, apenas uma das variantes da língua, o julgar social e o prestígio de que desfruta, combater os mitos e preconceitos lingüísticos que agem no sentido de excluir as variantes não padrão da cidadania lingüística.

Como bem colocou Rangel, é necessário que o professor procure sempre cultivar o contato com as diferentes variedades lingüísticas; mostrar e debater em sala de aula ou em grupos de estudos lingüísticos; não só

manter o contato, mas ter uma atitude em relação às mesmas, quanto ao aspecto do preconceito lingüístico que ainda é predominante em nossa sociedade. Também precisa ser ensinado em sala de aula, que as variedades são diferenças que fazem parte do cotidiano, do *meio* social dos indivíduos, e das várias formas de que o ser humano utiliza para ver o mundo e a realidade na qual está situado. Aceitar as diferenças de falares em sala de aula ou em outro espaço social é uma forma de aprender a conviver com as diferenças lingüísticas existentes na língua portuguesa.

2.4 Língua Padrão

O sentido etimológico da palavra padrão consta-se da origem na palavra latina *Patronu*, que em português significa patrão e padrão. A própria palavra patrão já é vista como aquela que manda, que precisa ser respeitada e obedecida pelos seus servos.

Falando lingüisticamente, a língua padrão ou língua dita culta é a que se tem como referência, nas gramáticas, nos livros didáticos e nos meios de comunicação de massa como, por exemplo: a mídia televisiva, a mídia jornalística: a imprensa e as revistas científicas, que utilizam uma linguagem própria do seu meio profissional, mas sem deixar de usar a língua formal.

É importante averiguar que a norma padrão, também possui suas próprias variedades com normas a serem seguidas.

Giles e Powestand (1975, p. 12) citam pelo menos duas formas principais, que são as seguintes: “Língua padrão relacionada ao contexto e a Língua padrão que está relacionada à classe ou ao status social”.

Os autores citados fazem uma distinção entre essas duas normas padrão, ressaltando o seguinte: a primeira que é a língua padrão relacionada ao contexto, é à maneira de língua padrão que aborda as questões associadas às situações vivenciadas pelos seus indivíduos dentro de um contexto social. Esse contexto social pode ser em um ambiente formal ou uma conversa informal entre amigos, desde que haja compreensão das informações de todos os que estão envolvidos na conversa.

Podemos tomar como exemplo, o ambiente escolar, eventos acadêmicos... em que o usuário tende a utilizar a língua padrão com mais frequência e condicionar sua fala ao tipo de variedade exigida naquele ambiente, ou na situação presente. Enquanto que a língua padrão relacionada à classe ou status, é aquela variedade de fala, que se atribui ao prestígio social que seus indivíduos possuem, esquecendo-se do contexto social e valorizando a categoria de maior status que geralmente é atribuído aos valores sócio-econômicos e culturais pertencentes às classes sociais mais cultas e elevadas, suas variedades não são bem organizadas e o processo de fala de seus usuários não interferem no contexto social.

Se fizer uma análise comparativa em um discurso político com o sermão de um sacerdote, percebe-se que os mesmos, utilizam a língua padrão como referência, mas que ambos falam de contextos totalmente diferentes. O objetivo real para se estudar a norma padrão da língua é estudá-la sabendo-se que a mesma não é única, e sim que os padrões da escrita e da fala são variados.

Em se tratando da língua escrita ou falada, há uma maior exigência quando se usa a língua escrita, isso porque quando se escreve algo, não se sabe ao certo que

tipo de leitor vai ler tal material. Observa-se por exemplo um editorial de um jornal ou uma revista, em que os textos jornalísticos estão redigidos, em linguagem técnica, mas, o que é linguagem técnica se não a língua culta?

Os textos técnicos são redigidos para os diversos estilos de leitores, tornando-se a linguagem mais acessível, mas, se pergunta. E quanto aos textos literários que ora, apresentam uma linguagem formal ora, são escritos na linguagem informal? Os textos literários, nem sempre são escritos na norma culta da língua, devido apresentar, traços e elementos estilísticos que caracterizam e valorizam a região, na qual esta situada à estória, os personagens, e o autor, da estória, também há uma atribuição à cultura, a literatura popular, e ao regionalismo existente na língua literária.

Segundo o entendimento de Possenti (1996, p.18):

Dado que a chamada língua padrão é de fato o dialeto dos grupos sociais mais favorecidos, tornar seu ensino obrigatório para os grupos sociais menos favorecidos, como se fosse o único dialeto válido, seria uma violência cultural. Isso porque juntamente com as formas lingüísticas (como a sintaxe, a morfologia, a pronuncia, a escrita), também seriam impostos os valores culturais ligados à forma dita cultas de falar e escrever, o que implicaria em destruir ou diminuir valores populares.

A concepção da língua culta passa a ser exigida na sociedade como a norma mais correta e mais prestigiada pela classe que domina a língua escrita. Não se pode esquecer que no Brasil, há uma grande diversidade de dialetos que fazem parte dos valores culturais das camadas populares existentes em nosso país que fizeram e ainda fazem parte da história e da formação do povo brasileiro.

É evidente que a escola precisa ensinar a norma padrão em sala de aula, desde que não esqueça de mencionar a variabilidade lingüística como um fato inerente na língua portuguesa e conscientizar seus alunos quanto ao tratamento dos diversos dialetos existentes no Brasil, comparando as formas de pronúncias das mais variadas regiões do país, para que os alunos percebam as diferenças lingüísticas, e aprendam a conviver com as mesmas, sem discriminar os padrões, que não estão inseridos no contexto de gramática tradicional, tais como: os dialetos e registros populares que caracterizam a cultura e o regionalismo de uma determinada comunidade.

A respeito desse assunto, Azevedo (apud JOSÉ, 1993) relata uma situação, em que a escola assume uma postura preconceituosa perante um dos seus alunos, que usava uma variedade lingüística diferente da professora e dos seus alunos. O trecho é seguinte:

5. Rodrigo veio do sitio para a escola, doidinho para aprender e descobrir os segredos que havia no encontro das letras. Leia o diálogo dele com a professora. Rodrigo, trouxe os exercícios da semana passada? Perguntou ela, cumprindo a promessa de cobrar.

- Eu truce, mas o di onti eu num consegui...

Nem acabou a frase e dona Marisa berrou:

- Repita: eu trouxe, mas de ontem não consegui.

Rodrigo repetiu certinho, mas tremendo, vermelho. A sala morria de rir.

Rodrigo queria morrer, sumir, virar inseto e voar.

- E porque não conseguiu? – perguntou dona Marisa, furiosa.

- Tive uns probrema e num tinha quem mi insinassi.

Elias José. Uma escola assim eu quero pra mim.

Percebe-se nesse diálogo, entre Rodrigo e sua professora dona Marisa, uma atitude preconceituosa e de caráter discriminatório, em hipótese alguma, a escola e professores têm o direito de expor os seus alunos ao ridículo e ao constrangimento, só porque não conseguem dominar a língua culta exigida pela escola. A forma de Rodrigo falar não era errada e sim diferente dos demais alunos e da professora, lembrando-se que o mesmo residia na zona rural, onde não possuía nenhum contato com a língua culta e não tinha recebido nenhuma educação quanto à fala padrão, por isso, utilizava uma linguagem própria de sua região.

Felizmente este é exemplo fictício abordado pelo escritor Elias José, em que destaca a importância da prática do ensino de língua portuguesa em sala de aula e explica o comportamento que é dado em relação à língua padrão dentro e fora da sala de aula. Nos dias atuais, também se encontra, situação semelhante ao do personagem Rodrigo.

Conceitos nos quais destaca, Marcuschi, (2001, p. 25) “em que se percebe uma tendência a dicotomizar a produção lingüística entre de um lado, *o padrão (equivalente à escrita)* e, de outro *o não padrão (equivalente à fala)*” são utilizados pelos gramáticos e pelas classes ditas cultas, como forma de manipular o poder expondo sua hegemonia e suas doutrinas ideológicas que tentam desvalorizar as línguas faladas, classificando assim a língua escrita como a norma a ser seguida. É óbvio que não se pode ensinar a língua portuguesa ou qualquer outra língua mostrando, apenas a gramática como, uma única regra da língua a ser aceita para falar e escrever corretamente, mas abordar os vários desvios e mudanças que ocorrem nas línguas, sejam eles de origem da fonética, da morfologia, da sintaxe etc.

Monteiro (2000, p.65) destaca que :

A forma padrão, ou seja de prestígio, ocorre em contextos mais formais e entre interlocutores que ocupam posições mais elevadas na escala social, enquanto que a forma não padrão, isto é, estigmatizada, tende a despertar uma reação negativa na maioria dos usuários da língua.

Valendo-se da afirmativa de Labov, a forma da língua padrão é aquela que é identificada pelos grupos sociais que possuem maior prestígio quanto aos valores e as relações de poder e de status social. Tendo em vista que uma variedade padrão torna-se de prestígio quando a mesma associa-se aos falantes que pertencem a grupos sociais que também detêm o “poder” nas relações econômicas, políticas e sociais.

Observando o processo político do Brasil, entende-se que, os colonizadores portugueses chegando a nossa terra, não respeitaram a tradição, a cultura e os costumes dos povos indígenas que ali se encontravam, mas, ao contrário, foram submetidos a um processo de escravidão e de culturalização portuguesa, a ponto de esquecerem seus costumes e, sobretudo, suas próprias línguas. Diante de tal situação percebe-se que desde a colonização do país, já existia uma atitude de dominação, exercida pelos

“senhores donos do poder” e pelas classes superiores que também não respeitavam as diferenças de línguas existentes em nosso território brasileiro, mas sim preferiram tratá-las como sendo formas negativamente erradas ou incorretas.

Convém observar que a forma estigmatizada que Labov tece considerações correspondes à forma não padrão da língua, que é inferiorizada pelas camadas sociais mais elevadas e de alto extrato social. Tal sentimento de estigmatização e de preconceito lingüístico está, associado aos diversos usos de linguagem, que são impostos e absorvidos, pela sociedade. Esses usos de linguagem podem apresentar dois efeitos: um negativo e um positivo, o positivo geralmente sempre favorece a classe dominante da língua culta, os efeitos negativos tudo indica que pressupõe as classes não cultas que se sentem inferiorizadas quanto aos seus dialetos populares ou regionais.

2.4.1 Língua não padrão

A língua não padrão é a língua da grande maioria das camadas populares de menor prestígio e pouca ascensão social, ou seja, grande parte de iletrados que não tiveram, nenhum contato com a educação escolar por isso são sujeitas ao preconceito e a estigmatização lingüística. Vale ressaltar que a forma da língua não padrão não é uma maneira errada de se falar, mas sim uma variedade lingüística diferente, assim como todas as outras que são ensinadas nas escolas, nas gramáticas e faladas pelas classes de prestígio social.

A língua não padrão falada no Brasil, são variáveis do latim vulgar, denominadas também formas arcaicas do português clássico, são palavras que não acompanharam a evolução, fonológica, sintática, semântica... Por isso são entendidas erroneamente.

Os PCN (1998, p. 28), manifestam-se no sentido de que:

Há portanto o reconhecimento das variedades lingüísticas, existente no Brasil e do preconceito “decorrente” do valor atribuído às variedades padrão e ao estigma associado às variedades não padrão consideradas inferiores ou erradas pela gramática. Essas diferenças não são imediatamente reconhecidas e, quando o são, são objetos de avaliação negativa.

O caráter de heterogeneidade que é apresentado em nosso país, no caso o Brasil é caracterizado pela sua diversidade lingüística ampla. Devido possuir uma vasta extensão territorial de população superior, onde se concentra uma pequena porcentagem de falantes que são indígenas e imigrantes que fizeram parte da colonização deste país, os mesmos não utilizam o dialeto português como língua materna mas apresentam seus dialetos típicos de sua região ou do seu país de origem.

São características como essas que identificam o Brasil como um país “rico” lingüisticamente falando. Por sua vez, essa riqueza lingüística, pode apresentar um aspecto negativo, infelizmente ainda não é aceito a idéia de que é preciso o respeito pela heterogeneidade lingüística vigente em nosso país, em que não aprendemos a lidar com as diferenças lingüísticas que estão presentes em diversos dialetos, sotaques e registros espalhados em todas as regiões.

Do ponto de vista lingüístico percebe-se um preconceito existencial quanto às diferenças coexistentes na língua portuguesa, principalmente quando se trata da variedade não padrão que tende a despertar maior rejeição e exclusão por parte de falantes da norma culta da língua.

A respeito do preconceito lingüístico como um aspecto aparente no Brasil, comenta Bagno (1999, p.13):

Parece haver cada vez mais, nos dias de hoje, uma forte tendência a lutar contra as mais variadas formas de preconceito a mostrar que eles não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que são apenas o resultado da ignorância, e da intolerância ou da manipulação ideológica. Infelizmente, porém, essa tendência não tem atingido um tipo de preconceito muito comum na sociedade brasileira: o *preconceito lingüístico*. Muito pelo contrário, o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, e em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo e o que é errado”, sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua : a gramática normativa e os livros didáticos.

O preconceito lingüístico proposto por Bagno faz alusão aos estereótipos impostos pela sociedade que tem caráter discriminatório, e tem como finalidade desprivilegiar os falantes da língua não padrão e supervalorizar as variedades de prestígio que são reconhecidas como forma de língua correta para se falar e escrever corretamente.

É necessária uma mudança de atitude por parte dos professores em assumir uma postura, quanto ao ensino da língua portuguesa em que se precisa fazer uma distinção no ensino da gramática e no ensino de línguas. Em sua essência o estudo da língua deve ser ensinado como um mecanismo vivo na linguagem e não sob um procedimento estático.

Na medida em que a escola proporciona um contato com as diferenças lingüísticas existente na sociedade está se criando um ambiente de interdisciplinaridade que relaciona: *língua /usuário /sociedade /escola*. Esse ambiente pode ser um espaço de debates, reflexões de textos que façam com que os alunos estejam conscientes quanto ao tratamento das diferenças lingüísticas e abolir a idéia de que a língua não padrão e o da língua falada são menos aceito do que o da escrita.

O problema da grande maioria da população que se utiliza, da língua falada no Brasil, é visto, como um problema social que está conglomerado a falta de escolarização, as condições subumanas relacionadas à falta de moradia, a saúde a um trabalho digno etc. São dificuldades como essas mencionadas, que impedem os indivíduos a estarem inseridos no contexto - educacional. Portanto, é inconcebível um determinado cidadão, ter acesso à norma culta e aos padrões lingüísticos exigidos pela sociedade, se o mesmo não tem direito aos principais componentes de sobrevivência.

Infelizmente vive-se numa sociedade repleta de mitos acompanhados de preconceitos, discriminações, e exclusão social dos indivíduos que possuem um único bem para expressão sócio-comunicativa da linguagem que é a utilização da língua falada, que sempre está sendo tratada pela maioria das gramáticas normativas como uma questão de *léxico*. Enquanto que, poderiam ser analisados

os dois lados da moeda, como por exemplo: questionar O Porquê de um determinado indivíduo utilizar na linguagem oral agente em vez de nós, e observar o tipo de linguagem escrita, que o mesmo utiliza e a sua relação dentro de um contexto próprio ou particular de cada usuário da língua escrita ou falada com sua relação sócio-cultural.

Uma tendência a permanecer nos grupos sociais de maior prestígio, é a relação de poder associado à fala e a escrita como veículo de manipular as camadas populares de menor adesão social.

A esse respeito, Gnrre (1985, p. 4) contempla:

Normalmente, associa-se a variedades linguísticas não prestigiosas (observando-se aspectos formais de pronúncia, de estrutura frásica ou mesmo de estrutura textual) um grupo de falantes que, sociologicamente, não pertence às classes dominantes. Estas variedades são desprestigiadas porque "uma variedade lingüística 'vale' o que 'valem' na sociedade, os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais".

A língua não padrão é considerada desprestigiada, justamente porque são marcadas lingüisticamente pelas variedades pertencentes aos grupos de falantes que socialmente não possui nenhuma relação de domínio na escala social, enquanto que a língua padrão é caracterizada pelos falantes das variedades ditas cultas, que tendem a possuir valores economicamente superiores aos falantes da língua não padrão.

A concepção de uma variedade ou de língua perfeita é uma maneira de ironizar as demais formas da língua, que favorecem as classes dominantes que visam uma política de acúmulo de bens e capitais, que apenas contemplam seus interesses pessoais.

Para disseminar com esse estigma atribuído pela classe dominante da língua dita culta, necessita-se de uma prática – pedagógica que seja dinâmico e ao mesmo tempo exaustiva quanto ao tratamento das normas desprestigiadas, e que o ensino da língua materna não seja meramente ensinado pelas gramáticas normativas ou tradicionais, mas que o ensino/ aprendizagem sejam dois processos persistentes no conhecimento da existência de inúmeras variedades lingüísticas que estão presentes, não só na língua portuguesa, mas em qualquer língua viva.

2.5 Canções de Luiz Gonzaga

2.5.1 Ocorrência de variações lingüísticas

A língua como já foi falado anteriormente, é um processo adquirido geralmente na fase da infância entre 2 e 3 anos de idade, nessa fase a criança começa a balbuciar as suas primeiras palavras ou seja, tem dado início a aquisição da linguagem, isso porque a linguagem uma característica inerente ao homem, pois, a mesma é um canal pelo qual passam as línguas. Por meios de códigos de falas e escritos que transmitem a expressão comunicativa das comunidades lingüísticas.

Encontra-se nas letras de músicas de Luiz Gonzaga do Nascimento ocorrência de fenômenos lingüísticos que identificam a *linguagem Regional*, cujas realizações apresentam diferenças em relação à língua corrente, diferenças essas que podem ser de natureza, fonética, morfológica, lexical, sintática e semântica. Outra característica de suas letras de músicas é a *linguagem*

Popular. Em algumas regiões do país percebe-se que ainda são encontradas marcas do português arcaico e do latim vulgar, principalmente em usuários da língua falada e escrita das pessoas que residem na zona rural, devido não terem acompanhado o processo de evolução pelo qual passou a língua portuguesa ou não lhes foram transmitido nenhum conhecimento da língua dita culta ensinada nas escolas, por meio de gramáticas.

São fenômenos encontrados tanto no português-padrão quanto no português não padrão que são próprios da linguagem oral, predominantemente na maioria da população brasileira. Os mais conhecidos são os seguintes: Arcaísmos, Rotacismo, Assimilação, Marcas do plural redundantes, Nasalização, Desnalização das vogais postônicas entre outros.

2.5.2 Seleção e análise das letras

As sete canções selecionadas refletem muito bem a diversidade da língua não padrão registrada em versos de todas as letras coletadas. Para que se compreenda, os fenômenos lingüísticos apontados, foram retirados os termos que não se enquadram na linguagem culta, Isto é, estão submetidos a uma língua não padronizada, a uma língua considerada sem prestígio.

Na música Assum Preto:

Tudo em vorta é só beleza
Sol de abril e a mata em flô
Mas, Assum Preto cego dos oio
Não vendo a luz, ai! cantá de dô

Tarvês pu ignorância
Pu maradade das pió
Furaru os oio do Assum Preto
Pra ele assim, ai! cantá mió

Tarvês pu ignorância
Pu mardade das pió
Furaru os oio do Assum Preto
Pra ele assim, ai! cantá mió

Assum Preto vevi sorto
Mas, num pode avuá
Mil vez a sina duma gaiola
Desde que o céu, ai! Pudesse oiá

Assum Preto teu cantá
É tão triste quanto o meu
Também robaru o meu amô
Qui era a luz, ai! dos oio meu

Nos termos destacados: vorta, tarvês, sorto, mardade, utilizou-se do rotacismo. Nota-se que essas palavras, corretamente e gramaticalmente, deveriam ser escritas (talvez, volta, solto, maldade).

Outro fenômeno destacado nessa letra é assimilação (oio, mió). Esses termos deveriam ser registrados (olho, melhor). Tem-se a palavra (avuá) denominada de arcaísmo, o termo correto seria voar. Ainda nessa mesma letra há marcas do plural redundantes (dos oios, das pió, os oio) em que poderiam estar escritas na língua culta (dos olhos, das piores, os olhos).

Encontra-se também a desnalização das vogais postônicas (furaru, robaru) que na língua correta seria (furaram, roubaram).

Há outro fenômeno considerado como tendência da língua portuguesa em terminar as palavras com uma vogal (dô, cantá, amô) que seriam: dor, cantar, amor.

Ainda se registra outras palavras que não obedeceram à língua padrão. São elas: flô, tarvês, pra, mardade, furaru, cantá, veví, robaru. A língua culta exige outra escrita como: flor, talvez, para, maldade, furaram, cantar, vive, roubaram.

Outra letra do cantor Gonzaga é de interesse dos fenômenos lingüísticos como Juazeiro:

Juazeiro, juazeiro me arresponda, por favor,
 Juazeiro, velho amigo, onde anda o meu amor
 ai, juazeiro ela nunca mais voltou,
 diz, juazeiro onde anda meu amor
 Juazeiro, não te alembra
 quando o nosso amor nasceu
 toda tarde à tua sombra conversava ela e eu
 ai, juazeiro como dói a minha dor,
 diz, juazeiro onde anda o meu amor
 Juazeiro, seje franco, ela tem um novo amor,
 se não tem, porque tu choras, solidário à minha dor
 ai, juazeiro não me deixa assim roer,
 ai, juazeiro tô cansado de sofrer
 Juazeiro, meu destino tá ligado junto ao teu,
 no teu tronco tem dois nomes, ela mesmo é que
 escreveu
 ai, juazeiro eu num güento mais roer,
 ai, juazeiro eu prefiro inté morrer.
 ai, juazeiro...

Nessa letra de música Juazeiro destacam-se os verbos arresponda, alembra, que, conforme Bagno (2000, p.122):

São originários da preposição latina **ad** que deu origem à preposição portuguesa **a** que era usada como um *prefixo* para formar novos verbos ela perdía o **d** final, que era assimilado pela consoante seguinte: **ad + préndere = apréndere** “aprender”.

Portanto os verbos arresponda, alembra, que se apresenta na música são verbos do português clássico e moderno, tido hoje como português não padrão. Na língua culta esses verbos ficariam empregados dessa forma: responda e lembra. As palavras seje, tô, tá num, güento, inté deveriam ser escritos na língua padrão como seja, estou, está, não, agüento, até.

Muitos desses casos são chamados de desarticulação ou generalização considerados vícios de prosódia.

O cantor Luiz Gonzaga busca realçar suas músicas elegendo termos com vários fenômenos considerados “fenômenos lingüísticos”.

A letra da música **Volta Pra Casa** possui vários exemplos desses fenômenos:

Eita com seiscentos milhões, mas já se viu!
dispois que esse fi de Januário vortô do sul
 tem sido um arvorosso da peste lá pra banda do
 Novo Exu
 todo mundo vai ver o diabo do nego
 eu também fui, mas não gostei
 o nego tá muito mudificado
 nem parece aquele mulequim que saiu daqui em
 1930

era malero, bochudo, cabeça-de-papagaio,
 zambeta, feeei pa peste!
 qual o quê!
 o nêgo agora tá gordo que parece um major!
 é uma casemiralascada!
 um dinheiro danado!
enricou! tá rico!
 pelos cálculos que eu fiz,
 ele deve possuir pra mais de 10 contos de réis!
 sofona grande danada 120 baixos!
 e muito baixo!
 eu nem sei pra que tanto baixo!
 porque arreparando bem ele só toca em 2.
Januário não!
 o fole de Januário tem 8 baixos, mas ele toca em
 todos 8
 sabe de uma coisa? Luiz tá com muito cartaz!
 é um cartaz da peste!
 mas ele precisa respeitar os 8 baixos do pai dele
 e é por isso que eu canto assim.

Escrito na norma culta da língua, tais fenômenos observados nessa letra ficariam assim:

No primeiro verso: eita (eta !)
 No segundo verso: dispois, fi, vortô (depois, filho, voltou)
 No terceiro verso: parvoroso, pra (pavoroso, para)
 No quarto verso: nego (negro)
 No sexto verso: nego, tá, mudificado (negro, está, modificado)
 No sétimo verso: mulequim (mulequinho)
 No oitavo verso: marelo, feeei, pa (amarelo, feio, pra)
 No nono verso: nego, tá (negro, está)
 No décimo terceiro verso: tá (está)
 No décimo nono verso: arreparando (reparando)
 No vigésimo segundo verso: tá (está)

Observa-se que além desses fenômenos, toda a letra, é feita em uma linguagem própria de classe não escolarizada. O verso “É um cartaz da peste”, reflete a linguagem popular.

Uma outra letra de Luiz Gonzaga intitulada **IMBALANCA**, possui diferentes aspectos lingüísticos.

Óia a paia do coqueiro quando o vento dá,
Óia o tombo da jangada nas ondas do mar,
Óia o tombo da jangada nas ondas do mar,
Óia a paia do coqueiro quando o vento dá,
Imbalança, imbalança, imbalança (4x)

Pra você agüentar meu rojão
 é preciso saber requebrar
 Ter molejo nos pés e nas mãos,
 Ter no corpo o balanço do mar
 Ser que nem carrapeta no chão
 E virar foia seca no ar
 Que é pra quando escutar meu baião
Imbalança, imbalança, imbalança
 Você tem que viver no sertão
Pra na rede aprender a embalar,
 Aprender a bater no pilão,
 Na peneira aprender peneirar
 Ver relampo no mei dos trovão
 Fazer cobra de fogo no ar
 Que é pra quando escutar meu baião

Imbalança, imbalança, imbalança

Esta música traz casos muito interessantes de termos considerados “não padrão”. Exemplos:

No primeiro verso: “óia a paia do coqueiro quando o vento dá” destaque para as palavras óia, paia e dá que não se enquadram no português não padrão, porque ocorre um fenômeno chamado de transformação do **LH** em **I**. Essa frase escrita na norma culta ficaria o seguinte: (Olha a palha do coqueiro quando o vento dar).

No segundo verso, terceiro e quarto, temos ocorrências dos mesmos fenômenos que são presentes no primeiro verso é o caso das palavras óia (olhar), ainda no quarto óia a paia (olha a palha).

No quinto verso temos: imbalança, imbalança, imbalança (E balança, e balança, e balança).

No sexto verso: pra (para).

No décimo primeiro verso: foia (folha).

No décimo oitavo verso: relampo no mei dos trovão (relâmpago no meio dos trovões).

Como se pode ser ressaltada, a música do então cantor Luiz Gonzaga, são encontrados fenômenos e elementos lingüísticos, que identificam a linguagem informal, que é uma das maiores características de suas composições. Na maioria das vezes suas composições foram escritas na norma não padrão, para que se permita uma maior liberdade de expressão, utilizando-se de termos ou expressões que fogem dos padrões lingüísticos, para chamar atenção de seus ouvintes ou para valorizar o regionalismo de um povo, raça, comunidade no qual o compositor esta inserido.

No caso da música Asa Branca que foi gravada pela primeira vez em 03 de março de 1947, em que completados justamente seus sessenta anos de existência como música popular brasileira em 2007, até hoje a mesma é reconhecida como um dos maiores clássicos da música popular brasileira, ou seja, é um ícone que traduz toda a trajetória de vida do povo nordestino, que lutando contra a fome, a seca, a miséria, não perdem a esperança de encontrar dias melhores, e narra também toda a história de homens, mulheres e crianças que assim como a ave “asa branca” quando não tem mais pastagem, imigram para o sul do país em busca de um novo sentido de vida.

Música “Asa Branca”

Quando oiêi a terra ardendo
Qua fogueira de são João
Eu perguntei a Deus do céu, ai!
Porque tamanha judiação.

Que braseiro que fornaia
Nem um pé de prantacão
Por farta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão.

Até mesmo a asa branca
Bateu asas pro sertão
Entoce eu disse adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração.

Hoje longe muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Pra eu vortar pro meu sertão

Quando o verde dos teus oio

Se espaiar na prantacão

Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu vortarei viu, meu coração.

Analisando a música Asa Branca dentro de um contexto lingüístico, observa-se a presença dos seguintes fenômenos:

No primeiro verso a palavra: oiêi (olhar) caracteriza-se pelo fenômeno da Assimilação que é a transformação do **LH** na consoante **I**.

No segundo verso a palavra: qua (qual) é uma forma Arcaica, denominada como partícula interrogativa de lugar.

No quinto verso a palavra: fornaia (fornalha) ocorre também o processo de Assimilação do **LH** pelo **I**.

No sexto verso a palavra: prantacão (plantacão) predomina o fenômeno do Rotacismo, que é a troca do **L** nos encontros consonantais, neste caso ouve a troca do **L** por **R**.

No sétimo verso na palavra: farta (falta) também é denominado pelo fenômeno do rotacismo.

No décimo primeiro verso a palavra: entonce (então) a ocorrência do Arcaísmo.

No décimo sexto verso a preposição: pro (por) denomina-se de um termo Arcaico.

No décimo oitavo verso as palavras: espaiar, prantacão (espalhar, plantacão) a primeira corresponde o processo de Assimilação, enquanto que a segunda destaca-se pela ocorrência do fenômeno lingüístico Rotacismo.

No vigésimo e ultimo verso a palavra: vortarei (voltar) também reflete o fenômeno de Rotacização nos encontros consonantais da língua não padrão.

Podem-se destacar fenômenos lingüísticos existentes em outra composição de letra de música de Luiz Gonzaga que não corresponde aos padrões da língua portuguesa vigente, é o caso da música *Vou pra roça*:

Eu vou pra roça com muié e fio
Vivê, pertinho do paió de mió
Riscá, a viola junto do paió
a gente brinca até o nascer do sol
Já vou
cá na cidade é um tal de berrero
e não se vêve, sem se tê dinheiro
mas lá na roça é tudo mais mió
até as muié, gosta de um só.

No primeiro verso tem-se: muié ao invés de (mulher).

No segundo verso tem-se: vivê, paió de mio ao invés de (viver, paiol de milho).

No terceiro verso tem-se: riscá, paió ao invés de (riscar, paiol).

No quinto verso tem-se: cá, berrero ao invés de (aqui, berreiro).

No sexto verso tem-se: vêve, tê ao invés de (vive, ter).

No sétimo verso tem-se: mió ao invés de (melhor).

No oitavo verso tem-se muié: ao invés de (mulher).

Uma música que também pode ser notado a presença marcante de várias palavras identificadas pelos fenômenos de desnalização das vogais postônicas, de marcas do plural redundantes, arcaísmos entre outros é a música *Vozes da Seca*:

Seu doutô os nordestino têm muita gratidão

*Pelo auxílio dos sulista nessa seca do sertão
 Mas douto uma esmola a um homem qui é são
 Ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão
 É por isso que pidimo proteção a vosmicê
 Home pur nós escuído para as rédias do pudê
 Pois douto dos vinte estado temos oito sem chovê
 Veja bem, quase a metade do Brasil tá sem cumê
 Dê serviço a nosso povo, encha os rio de barrage
 Dê cumida a preço bom, não esqueça a açudage
 Livre assim nós da ismola, que no fim dessa
 estiage
 Lhe pagamo intê os juru sem gastar nossa corage
 Se o douto fizer assim salva o povo do sertão*

O chamado fenômeno de desnalização das vogais postônicas é conhecido também pelo nome de eliminação da nasalidade das vogais postônicas ou seja, é o som das vogais que vem após a sílaba tônica, esses fenômenos lingüísticos se referem ao português não padrão de hoje, que antes era a língua culta do português conservador ou do português arcaico do século XVI trazido pelos colonizadores portugueses.

No primeiro verso tem-se o termo: (arcaico) *douto* em que escrito no português padrão resultou (doutor) e *os nordestino* que se distingue como marcas do plural redundantes, o certo seria (os nordestinos).

No segundo verso o termo: *dos sulista* há também o acontecimento de marcas do plural redundante, procedendo para a norma culta ficará (dos sulistas)

No terceiro verso o termo: *qui* latim clássico passou para o português padrão com a forma de (que).

No quinto verso os termos: *pidimo, vosmicê* são palavras procedidas do latim vulgar e do arcaísmo português, hoje reconhecidas corretamente no português culto como (pedimos, você).

No sexto verso o termo: *home* ocorre a desnalização das vogais postônicas evoluindo para (homem) e em *pur nós escuído* ocorrência do arcaísmo e marcas do plural redundantes, a escrita correta seria (por nós excluídos).

No sétimo verso os termos: *douto, chovê*, não estão aplicados corretamente na norma culta da língua, o certo seria (doutor, chover)

No oitavo verso os termos: *tá, cumê*, deveriam esta escritos como (está, comer).

No nono verso o termo: *os rio* apresenta marcas do plural redundantes o correto seria dizer (os rios).

No décimo verso os termos: *cumida, açudage* desnalização das vogais postônicas (açudagem).

No décimo primeiro verso os termos: *nóis, ismola*, são termos que não estão na língua culta, mas são empregados corretamente como *nós* e *esmola*.

No décimo segundo verso o termo: *pagamo*, assim como *os juru*, são destacados pelas marcas do plural redundantes, a afirmação retificada na norma padrão ficaria (pagamos os juros). No mesmo verso tem-se o termo *intê*, é demonstrado por Coutinho (1969, p.134): “É derivado da preposição latina **em** e **en** (arcaico) < **in** + **atees, atêes** (arcaísmos) resultando na preposição portuguesa (**até**)” o termo *corage* pode se notado facilmente como desnalização das vogais postônicas.

No décimo terceiro e último verso da música o termo: *douto* (doutor).

Em síntese, ao analisar algumas letras de músicas do cantor Luiz Gonzaga nota-se que houve ocorrência de vários fenômenos lingüísticos existentes em suas canções que caracterizam a linguagem não-padrão.

Essa análise foi feita, não com o objetivo de normatizar a língua portuguesa ou classificar uma língua padrão, vista nas gramáticas e nos manuais de língua portuguesa como o bom procedimento a ser seguido à risca nas escolas, como base para se falar e escrever corretamente, mas sim, identificar fenômenos que são inerentes à língua padrão e a língua não padrão, tendo em vista que o compositor Luiz Gonzaga utilizava-se de uma linguagem e termos típicos do seu meio no qual estava inserido que era a linguagem popular denominada também de arcaica, falada pela maioria da população brasileira, e principalmente falada pela classe dita, hoje, como não privilegiada, ou seja, de usuários do meio rural, que não foram escolarizados.

Bagno (2003, p.124) comenta: “mais arcaizante do que as línguas das grandes cidades, onde as transformações sociais são mais rápidas, no mesmo ritmo das transformações das variedades lingüísticas”.

Revendo o processo histórico e político da colonização do Brasil, compreende-se que uma das primeiras regiões a ser colonizada pelos portugueses, foi à região Nordeste, por esse motivo a região nordeste deveria ser a região mais desenvolvida do país, e a mais evoluída economicamente, mas infelizmente não é o que acontece, a região Nordeste sofre discriminações tanto pelos aspectos sociais quanto pelos aspectos lingüísticos, em que na maioria das vezes são gerados preconceitos e estereótipos em relação à fala do povo da região do nordeste.

3 Considerações Finais

Este presente trabalho caracterizado pelo procedimento metodológico da pesquisa teórica bibliográfica, intitulado “Análise de Letras de músicas de Luiz Gonzaga na Perspectiva Variacionista”, abordou questões e reflexões no que se refere ao estudo da Sociolingüística e o seu papel dentro da sociedade, quanto aos usuários da língua falada e da língua escrita.

Assim, foram colhidos dados e opiniões de diversos autores que estudam o atual fenômeno das variações lingüísticas que são inerentes a sociolingüística nos muitos aspectos de linguagem, bem como as seguintes: língua padrão, língua não padrão, detalhando-se as diferenças lingüísticas vigentes na sociedade brasileira e o preconceito que se torna predominante em alguns dos fatores que influenciam para classificar a língua não padrão como uma forma errada de falar e escrever corretamente, fatores esses que tendem a dicotomizar e a estigmatizar os falantes da língua não padrão, valorizando assim a língua dita “cult”, que se associa à escrita e aos falantes das classes de maior poder aquisitivo.

Um ponto de grande relevância neste trabalho é a constatação da língua portuguesa, como uma língua de bastante diversificação de dialetos, sotaques, espalhados por todo o território brasileiro e que essas diferenças precisam ser respeitadas. Mesmo tendo a língua padrão apresentada pela gramática como referência a ser ensinada nas escolas, é necessário que o professor de língua portuguesa exponha o processo de tratamento quanto aos fenômenos das variações lingüísticas, mostrando que não existe uma única forma de língua, mas que as línguas são distintas e que as mesmas apresentam diferenças, (fonológicas, sintáticas, semânticas pragmáticas, morfológicas, lexicais e gramaticais), que

são ocasionadas pelo contexto sócio – cultural no qual cada indivíduo está inserido.

Outra colocação, que foi proposta nesse trabalho, consistiu na seleção de sete letras de músicas do cantor Luiz Gonzaga, Asa Branca, Assum Preto, Juazeiro, Volta Pra Casa, Imbalança, Vou Pra Roça e Vozes da Seca. Tendo em vista que suas letras de músicas apresentam uma linguagem popular (do povo) foi através da análise das letras de músicas, percebe-se há ocorrência de vários fenômenos lingüísticos, que correspondem à língua não padrão.

Durante esta análise nota-se também a presença de termos arcaicos e do latim vulgar que são próprios da linguagem da maioria da população nordestina, e típica da zona rural, que são os seguintes: rotacismo, assimilação, marcas do plural redundantes entre outros.

Enfim, entende-se a preocupação e o valor que os professores de língua portuguesa têm com o ensino da gramática tradicional em sala de aula, mas também se necessita que os educadores alertem ao ensino e a exploração das diferenças lingüísticas, existentes na sociedade, observando no contexto social, cultural e lingüístico.

Espera-se que essa pesquisa, seja bastante útil para aqueles pretendem ser profissionais nas áreas de lingüística ou qualquer área de Letras, que proporcione um maior conhecimento intelectual por parte daqueles que a utilizarem, com o objetivo de formar profissionais, e, sobretudo seres humanos capazes de interagir socialmente de uma maneira mais crítica e sensata, contribuindo assim para a formação acadêmica de alunos e professores que se preocupam uns com os outros.

4 Referências

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Linguística aplicada aos falares regionais**. João Pessoa: 1983.
- AZEVEDO, Dirce. **Palavras e criação: língua portuguesa**. São Paulo: FDT, v.5-8. 1996.
- BAGNO, Marcos. **A Língua de Eulália**. São Paulo: Contexto 2003.
- _____. **Preconceito lingüístico. o que é, e como se faz**. 9. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- BORTONI, Stella Maris. Diversidade lingüística: uma nova abordagem do processo educacional. **Revista Brasileira de Tecnologia**, 12(4). Brasília: 1981.
- COUTINHO, Ismael de Lima. In: TARALLO, F. **Itinerário histórico da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1990.
- DIONÍSIO, Ângela Paiva. Variedades lingüísticas: avanços e entraves. In: BEZERRA, M Auxiliadora et.al. (org). **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- DORIAM, In: MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov/** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- FONSECA, M Stella & NEVES Moema F. (orgs.) **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 2001.
- GERALDI, João W. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campos: ALB/ Mercado de Letras: 1996.
- GILES & POWESTAND In: BORTONI, Stella Maris. Diversidade lingüística: uma nova abordagem do processo educacional. **Revista brasileira de tecnologia**, 12(4). Brasília: 1981.
- GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- LABOV, William. In: DUCROT, Oswald & TODOROV, Tzvetan. **Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem**. 2ed. São Paulo: 1988.
- LABOV, William. In: HORA, Dermeval da. (org). **Estudos sociolingüísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa: 2004.
- MARCUSHI, L. Antonio. In: BEZERRA, M^a Auxiliadora et.al. (org). **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.
- MOLLICA, Maria, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org). **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- PCNs, In: DIONÍSIO, Ângela Paiva. Variedades lingüísticas: avanços e entraves. et.al. BEZERRA, M Auxiliadora (org). **O livro didático de português: múltiplos olhares**. ed. Lucerna, Rio de Janeiro: 2001.
- PERINI, Mário. A. **Gramática descritiva de português**. 2 ed. São Paulo: Ática. 1996.
- POSSENTI, Sírio. **Porque (não) ensinar gramática na escola**. 9. ed. Campinas: ALB/ Mercado de Letras 1999.
- _____. **Porque (não) ensinar gramática na escola**. 9. ed. Campinas: ALB/ Mercado de Letras. 1996.
- SAUSSURE, In: HORA, Dermeval da. (org). **Estudos Sociolingüísticos. Perfil de uma comunidade**. João Pessoa: 2004.
- WEREICH, V., LABOV, W. HERZOG. In: HORA, Dermeval da. (org). **Estudos Sociolingüísticos. Perfil de uma comunidade**. João Pessoa: 2004.